Dia 31 — O Beato Amadeu, Duque de Saboia

O beato Amadeu, duque de Saboia, nono deste nome, foi filho de Luís II e de Ana, filha do rei de Chipre. Nasceu em Tournon [^1], a 1º de fevereiro de 1435. Parece que foi como presságio de sua futura santidade a extraordinária alegria que causou o nascimento deste príncipe; e os esponsais de futuro, que pouco tempo depois de seu nascimento contraiu com Violante, filha do rei da França, foram ditoso laço de uma paz que anelavam com ansiosos suspiros todos os povos.

Quis a duquesa, sua mãe, tomar a seu cargo a primeira educação do príncipe seu filho; e, deixando ao duque seu pai o cuidado de criá-lo segundo a grandeza de seu nascimento, ela se aplicou só a ir pouco a pouco formando-o segundo a santidade de sua religião. Os primeiros princípios em que o imbuiu foram as máximas do Evangelho; e o santo temor de Deus foi o primeiro fruto destes princípios. Sobretudo dedicou-se a virtuosa duquesa a inspirar-lhe um santo horror a tudo o que podia ser ofensa de Deus; e, prevenindo-o a tempo contra os perigosos laços que o mundo arma à inocência dos grandes, contra as vãs ideias de grandeza com que os entretém e lisonjeia, e em favor das importantes máximas da religião, de que o mesmo mundo procura desviá-los, ia cultivando aquele entendimento e aquele coração que o céu havia provido com suas mais doces bênçãos e que algum dia a divina graça havia de fazer modelo dos príncipes mais virtuosos.

Deixou-se conhecer sua piedade quase desde o berço, e desde o mesmo tempo foi sua virtude dominante a caridade com os pobres. Nunca mostrou gosto pelos entretenimentos ordinários dos meninos, e nenhum lhe dava maior que o que lhe ensinava alguma nova devoção. Mais lhe agradava uma missa que todas as diversões do mundo; e, para descansar das tarefas do estudo, tomava um livro devoto ou se retirava a fazer oração.

No meio do esplendor e das delícias de uma das mais brilhantes cortes da Europa conservou seu coração sem que os enganos o surpreendessem nem as delícias o estragassem. Alimentava a virtude e a inocência com a frequência dos sacramentos e com penitências ocultas que serviam de antídoto ao contagioso ar do grande mundo.

A matéria mais comum de sua meditação era a paixão de Jesus Cristo. Enternecido só de ver um crucifixo, muitas vezes se o via derramando lágrimas. Quando passeava pelos jardins do palácio, via-se-o umas vezes de joelhos, outras com os olhos e as mãos levantadas ao céu e outras interrompendo o passeio com algumas genuflexões, misturando sempre a diversão com a devoção.

Não houve príncipe mais amado nem que mais merecesse sê-lo; porque nenhum houve que soubesse unir melhor a afabilidade com a grandeza. Seu semblante sempre risonho, seus olhos sempre aprazíveis, seu porte sempre majestoso mas sempre humaníssimo faziam-no dono de

todos os corações, conciliando-lhe ao mesmo tempo o respeito de todos. Aos dezessete anos de idade casou-se com Violante da França, filha de Carlos VII e irmã de Luís XI, a quem estava prometido desde o berço.

Foi matrimônio felicíssimo. Não puderam estar mais unidos os corações dos dois esposos, porque não podiam ser mais parecidas suas inclinações. A princesa, que tinha um grande fundo de piedade, achou nas virtudes do duque quanto podia desejar para edificar-se, para instruir-se e para aproveitar-se. À vista de exemplos tão soberanos reformou-se em pouco tempo toda a corte de Saboia. De nada se fazia tanto alarde como de ser e de parecer cristão, tendo diante um príncipe tão religioso. Estar com menos compostura, com menos respeito no templo; falar da religião com pouco apreço; ter conversações menos compostas ou não tão cristãs era incorrer irremissivelmente na desgraça do príncipe. Só reservava a severidade, só se mostrava inexorável quando se atravessavam os interesses de Deus.

Embora fosse o ministro mais importante, o oficial mais necessário, o criado de sua casa de maior autoridade, sendo libertino, bem podia dar-se por despedido de seu serviço. Era máxima sua que antes de tudo devia servir-se a Deus e que a religião havia de ser a regra da política. Sobre este princípio governava-se a si e governava seus estados.

À oração da manhã seguia-se uma hora de leitura espiritual; a esta, a missa, ouvida com tanta atenção, com tão profunda reverência que era dito muito comum na corte que bastava ver o duque de Saboia ouvir uma missa para que o coração mais tíbio se acendesse em devoção. Concluídos estes exercícios espirituais, entrava no conselho, onde antes de tudo se despachavam as causas dos pobres, das viúvas e dos órfãos. Ali se tirava a máscara à injustiça, que nunca ficava sem castigo. Ali entrava a inocência com segura confiança de encontrar asilo aos pés daquele justificado tribunal.

Mas sua paixão dominante, ou, por melhor dizer, sua virtude favorita, era a caridade com os pobres.

Parecia não ter outros cuidados nem outra ocupação que a solicitude de aliviá-los e socorrê-los. Seu maior gosto era distribuir-lhes ele mesmo a esmola por suas próprias mãos, persuadido de que o que se faz com eles se faz com o mesmo Cristo. Cada dia dava de comer a grande número de pobres em seu palácio ducal; os mais andrajosos e os mais disformes eram os de maior atrativo para ele, servindo-os à mesa ele mesmo. Querendo dar-lhe a entender alguns cortesãos que abatia em excesso sua soberana autoridade, o santo duque lhes perguntou se criam no Evangelho: pois lembrai-vos, acrescentou, que Jesus Cristo assegura que o que se faz ao mais mínimo destes pobrezinhos se faz à sua divina pessoa. Representaram-lhe os ministros que suas excessivas esmolas tinham exausto o erário e que seria melhor empregar aquelas quantias em fortificar as praças e em manter bom número de tropas que em manter vagabundos. Louvo vosso zelo, respondeu o duque; mas tende presente que as esmolas que o príncipe faz aos pobres são as melhores fortificações do Estado; os pobres são suas melhores tropas; e não há arbítrio mais eficaz nem mais seguro para que reine nele a abundância que fazer largas liberalidades aos necessitados.

Perguntou-lhe em certa ocasião um embaixador se mantinha Sua Alteza Real numerosa matilha de cães e se gostava muito da caça. Muito me agrada, respondeu o discreto príncipe, mas a caça em que me divirto é muito especial, e quero que o senhor embaixador veja seus equipamentos. Dizendo isto, abriu uma janela que dava para um grande pátio, onde se dava esmola a quinhentos ou seiscentos pobres e, mostrando-lhos com a mão: Olhe ali, senhor embaixador, acrescentou o caritativo duque, a caça que a mim me agrada.

Ouvindo um dia as queixas de um pobre artesão por certa nova contribuição que se havia imposto, perguntou a seus ministros se se podia aliviar o povo daquele encargo; e, como estes lhe fizessem presentes as urgências do Estado, o santo duque tirou prontamente o preciosíssimo colar da ordem militar que trazia posto e, fazendo que se reduzisse a dinheiro para acudir às necessidades mais urgentes, mandou que se abolisse aquela contribuição.

Chamava-se a Saboia o paraíso dos pobres, porque todos eram bem recebidos do caritativo duque. Além dos muitos hospitais que fundou e de outros a que consignou maiores rendas, ainda se conservam hoje em muitas igrejas do Piemonte e de Saboia monumentos da munificência religiosa deste santo príncipe. Fez a Roma uma viagem de incógnito para visitar aqueles santos lugares e para satisfazer com maior desembaraço sua fervorosa devoção. Deixou grandes dons à igreja de São Pedro e a outras, os quais ainda hoje são testemunho da piedosa generosidade e da grande alma de nosso religioso duque. Muitas vezes foi a pé com a devota duquesa a Chambéry para tributar seus reverentes cultos ao Santo Sudário.

Creu-se a princípio que seu valor não correspondia a sua virtude; mas logo ensinou a experiência que os príncipes mais santos não são os menos valorosos. Fazendo o turco cada dia novas conquistas em terra de cristãos, convocou-se em Mântua uma dieta para deliberar sobre os meios de pôr freio a seu orgulho e deter a rapidez de suas conquistas. Falou nela Amadeu como grande príncipe e como príncipe generoso e cristão. Ofereceu suas tropas, seus tesouros e sua mesma vida, admirando sua determinação e seu zelo os que não tinham tanto valor nem tanta virtude como ele.

Tendo notícia do perigo em que se achava seu irmão, o rei de Chipre, de ser atacado pelos bárbaros, tomou a cruz, levantou tropas, juntou um poderoso exército e conteve os intentos do sultão.

Era magnífico quando o pedia a ocasião, não obstante ser inimigo da profanidade; e ficou assombrada a corte da França dos suntuosos equipamentos com que se deixou ver nela. Mas nada prova tanto sua cristã generosidade como sua facilidade não só em perdoar injúrias, mas em esquecê-las. Havia declarado guerra ao beato Amadeu Galeácio Sforza, duque de Milão, e, passando este príncipe pela Saboia disfarçado, foi reconhecido e feito prisioneiro. Logo que o soube o santo duque, despachou um correio dando ordem para que no ponto se lhe pusesse em liberdade. Esta ação tornou mais ingrato o duque de Milão e foi ocasião de que parecesse mais generoso o duque de Saboia; porque, em lugar de despojá-lo de seus estados, como pôde fazê-lo facilmente, quis concluir com ele uma paz estável e, para afiançá-la mais, deu-lhe por mulher sua mesma irmã.

Tendo feito algumas incursões nas fronteiras da Saboia o duque de Borbon e o marquês de Monferrato, experimentaram na verdade a clemência de nosso duque, mas foi depois de haverem provado muito à sua custa que não está brigada a santidade com a valentia.

Teve o maior cuidado de que os príncipes seus filhos fossem criados segundo sua religião e como convinha a seu elevado nascimento. Não havia na Europa corte mais brilhante nem mais bem regulada. Reinava a justiça com todos os seus direitos em todos os seus estados; e chamava-se o século de ouro ao século de Amadeu. Não só estava desterrado o vício da corte do virtuoso príncipe, mas nem ainda achava abrigo em nenhuma de suas províncias; e a piedade cristã, sustentada de tão gloriosos exemplos, dominava em todas as partes com religioso esplendor.

Não era fácil que pudessem ser menos cristãos os vassalos de príncipe tão santo. Seu porte, seus modos, suas conversações, seu semblante inspiravam o respeito e amor à religião de que estava cheio seu coração. Continuamente estava unido com Deus; todos os objetos que se lhe apresentavam, os que mais impressionavam os sentidos, esses eram os que mais o elevavam à presença de seu Autor. Fora desta perpétua aplicação às coisas divinas, todos os dias tinha horas destinadas para dedicar-se unicamente ao recolhimento. Sua devoção à santíssima Virgem era terna e afetuosa; chamava-a sempre sua querida mãe e não omitia meio algum para ser seu digno filho.

Mas nenhuma coisa faz formar ideia mais justa e mais cabal da heroica virtude deste piedosíssimo príncipe que a perfeita rendição com que se sujeitou às disposições da divina Providência, a qual quis que este santo duque fosse sujeito toda a vida a ataques de epilepsia; uma enfermidade tão humilhante só serviu para acrisolar mais sua virtude; olhava-a como particular benefício do céu. Nada aproveita tanto aos grandes, dizia muitas vezes, como as enfermidades habituais, porque servem de freio para reprimir o ardimento das paixões. As aflições pessoais, acrescentava, misturam certa salutar amargura nos gostos da vida, que os faz pouco apetecíveis e, obrigando-nos a voltar os olhos a Deus, aproximam-nos mais de sua Majestade. Nunca perdeu a paz de seu coração em meio dos mais rigorosos ataques de sua penosa enfermidade; e, como se esta não bastasse para contentar as fervorosas ânsias que tinha de padecer por amor de Deus, mortificava sua carne com abstinências, com frequentes jejuns e com rigorosas penitências.

Consumido, enfim, pelos inocentes rigores da penitência, conheceu que o Senhor queria terminar o curso de seus dias, dos quais se pode dizer que nem um só deixou de achar-se cheio aos divinos olhos. Preveniu-se com extraordinário fervor para a última hora. À primeira notícia de sua grave enfermidade cobriram-se de luto toda a Saboia e todo o Piemonte; não se ouviam senão soluços, alaridos e prantos; não se viam senão procissões e rogativas, clamando a Deus pela saúde do amadíssimo príncipe. Só ele se conservava tranquilo; e, tendo declarado por regente de seus estados a duquesa sua mulher, fez chamar a seu quarto os principais senhores da corte que se desfaziam em pranto e disse-lhes estas poucas palavras: Muito vos recomendo os pobres; derramai sobre eles liberalmente vossas esmolas, e o Senhor derramará abundantemente sobre vós suas bênçãos. Fazei justiça a todos sem acepção de pessoas; aplicai todos os vossos esforços a que floresça a religião e a que Deus seja servido. Enternecido pelas lágrimas dos circunstantes, não pôde prosseguir; calou-se e, no que lhe restou de vida, não falou já senão com Deus. Enfim, no dia trinta ou trinta e um de março de 1472, tendo recebido o santo viático e a extrema-unção, com

aquela devoção e com aqueles fervorosos atos com que terminam os santos sua gloriosa vida, morreu no palácio de Vercelli, aos trinta e sete anos de idade, e foi enterrado na igreja de Santo Eusébio, debaixo dos degraus do altar-mor, como ele mesmo o havia deixado disposto. Estavam todos tão persuadidos de sua eminente santidade que os prelados que assistiram aos funerais estiveram por muito tempo indecisos sobre se diriam a missa de defuntos. O arcebispo de Tarentaise, por conformar-se com o rito da Igreja, cantou a missa de Réquiem; mas o de Turim celebrou missa votiva da Virgem, e o bispo de Vercelli a do Espírito Santo. Tendo Deus manifestado as grandes virtudes de seu servo com grandes maravilhas durante sua vida, declarou sua eminente santidade com grande número de milagres que obrou imediatamente depois de sua morte. O bispo de Vercelli refere cento e trinta e oito, todos muito ilustres, especialmente nos que padeciam de acidentes epiléticos. São Francisco de Sales assegurou ao papa Paulo V que todos os dias obrava Deus novos milagres no sepulcro do santo duque. Isto moveu com o tempo o papa Inocêncio XI a dar licença para que se rezasse o ofício e se celebrasse a missa em honra do beato Amadeu em todos os domínios do duque de Saboia e, dentro de Roma, na igreja da nação. Não se esfriou no dilatado espaço de quase três séculos a devoção dos povos ao beato Amadeu nem a grande confiança que têm em sua poderosa intercessão. São muito poucas as cidades, vilas e lugares de Saboia e do Piemonte onde não se vejam monumentos da grande veneração que todos professam a este bem-aventurado príncipe e onde não se experimentem visíveis efeitos do muito valimento que tem com o Senhor.

Santa Balbina, Virgem e Mártir

Santa Balbina, cuja memória sempre foi célebre na Igreja, nasceu na cidade de Roma; era filha de Quirino, antes gentio e depois ilustre mártir de Jesus Cristo. Teve a desgraça nos primeiros anos de ser educada nos néscios delírios das superstições pagãs; mas, como Deus a tinha eleita para que na capital do mundo confundisse o erro do paganismo como uma das mais esclarecidas heroínas da religião cristã, dispôs sua divina providência os meios que teve por convenientes a este fim. Adoeceu Balbina no mais florido de seus anos, com tão graves acidentes que a puseram em estado de desesperar de todo remédio humano. Sentiam na alma seus pais a deplorável situação de sua filha, a quem amavam em extremo por suas recomendáveis qualidades; e, tendo esgotado todos os recursos da medicina, informados dos muitos milagres que Deus obrava por meio do sumo pontífice Alexandre, o qual já se achava preso pela fé de Jesus Cristo, apresentou-se Quirino ao cárcere e, prostrado a seus pés, banhado em lágrimas, rogou-lhe que se dignasse curar Balbina, exposta a morrer dos habituais acidentes que padecia. Condoído o santo papa daquela pobre donzela, mandou ao pai trazê-la a sua presença; e, executado assim, restituiu-lhe a saúde só com impor-lhe a bolsa das relíquias que trazia ao pescoço. Admirado Quirino de tão repentino prodígio, não duvidando por ele de que era verdadeiro o Deus que adorava Alexandre, converteu-se com toda a sua família à religião de Jesus Cristo. Todos os indivíduos da casa daquele novo confessor ficaram convencidos das verdades infalíveis que ensina nossa santa fé; mas, mais obrigada Balbina pelo benefício que acabava de receber, quis esmerar-se em dar provas de sua crença, acreditando-a assim com quantas obras recomenda nossa religião. Conhecendo Alexandre o zelo e fervor que manifestou desde logo a santa virgem no serviço do Senhor, mandou-lhe buscar as cadeias com que foi preso São Pedro, as quais achou à custa de exquisitas diligências, por disposição divina, e

entregou a Teodora, donzela religiosíssima, por ordem do santo papa.

Aureliano, um dos mais ferozes perseguidores dos cristãos, havia dado morte no cárcere de Roma a São Hermes ou Hermetes, prefeito da cidade, não por outra causa que a de haver-se mantido constante na fé e não querer prestar sacrílegas adorações aos ídolos; e, tendo sabido que sua irmã Teodora, ajudada por Balbina, haviam dado sepultura a seu venerável corpo, mandou prender a ambas. Chamou Balbina no dia seguinte a seu tribunal e, perguntando-lhe por seu nome e pelo Deus a quem adorava, respondeu sem nenhuma turbação a santa: «Eu me chamo Balbina e adoro Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, que criou o céu, a terra, o mar e quanto há neles. — De quem és filha? replicou o tirano. — De Quirino, seguiu a santa, a quem há pouco tempo mandaste martirizar de um modo tão desumano e iníquo. — Sabes, continuou Aureliano, por que foi teu pai atormentado? Dize-me a causa de sua paixão. — Julgas, respondeu Balbina, que, aterrada com a injustiça daquele castigo, não me atreverei a referi-la por vergonha ou por temor? Sabe que me serve de grande honra e consolo a ditosa morte de meu pai, o qual, convencido da infalível verdade da religião cristã, converteu-se a ela com toda a sua família, em virtude do prodígio que comigo obrou o santo pontífice Alexandre, sarando-me dos acidentes mortais que padecia, com só o contato das relíquias que trazia ao pescoço, o que não pude conseguir por todos os remédios humanos. Este foi o motivo por que tu, verdugo miserável, lhe mandaste tirar a vida. Ficando órfã, acolhi-me à proteção de Teodora, irmã de Hermes, nobilíssimo senador, ao qual mandaste degolar também sem outra causa que a de adorar o verdadeiro Deus, por quem me apresento em teu sangrento tribunal a padecer gostosa quantos tormentos possa discorrer tua bárbara crueldade.»

«Cessa, disse-lhe Aureliano, em tua necedade; porque, se segues tenaz as pegadas daqueles que sofreram uma morte tão indigna, se não te converteres ao culto de nossos deuses, farei com que experimentes maiores penas. — Por que, ó miserável (respondeu a santa, cheia do Espírito Santo e de um valor superior a seu sexo), por que forças os fiéis cristãos a que se separem do culto do verdadeiro Deus e o tributem aos que não o são? — Porque nós, seguiu o tirano, reverenciamos aqueles a quem deram nossos pais adoração, não os que novamente se inventaram. — Teus pais erraram, disse a santa, adorando os ídolos. E tu, miserável quanto ímpio tirano, perecerás eternamente, porque queres obrigar os homens a que, deixando o Criador, reverenciem simulacros surdos e mudos. — Quem outro é o criador, continuou Aureliano, senão Jove, a quem os romanos damos culto? — Se este, replicou Balbina, não foi senão um facínora carregado de vícios, eu ignoro por que o chamais Deus. O verdadeiro Deus é santo, inocente e limpo de toda iniquidade, e o que a este der culto se salvará; mas tu, que aos que o adoram afliges e dás morte, como hás de subsistir em sua presença? Entende que, quando Jesus Cristo vier a julgar os vivos e os mortos e separar os ímpios dos justos, então se alegrarão em sua presença os justos, e os ímpios serão castigados perpetuamente no inferno. Mas o demônio cegou vossos corações para que não conheçais o Criador nem o Salvador; pois, se o conhecêsseis e crêsseis nele, adorá-lo-íeis e reverenciá-lo-íeis, com desprezo dos falsos deuses representados nas estátuas vãs, que são obras das mãos dos homens.»

Ouvindo estes discursos, o tirano perguntou a Balbina: «De onde te veio tanta eloquência e quem te ensinou estas coisas? — Cristo, filho de Deus, respondeu a santa; pois em seu Evangelho tem dito a seus discípulos que não pensem no que hão de falar quando estiverem diante dos reis e presidentes inimigos, que então o Espírito Santo falará por eles. — Se o Espírito Santo, replicou o

tirano, é o que fala por ti, eu te farei levar ao lugar de prostituição para que fuja de ti. — Eu creio, espero e tenho por certo, disse então a santa, que por nenhuma violenta ofensa que se faça a meu corpo se separará de mim o Espírito Santo, tendo como tenho fixo em meu coração seu amor. De quem foge é de ti e de teus semelhantes, porque não habita nos homens dolosos e pecadores. Mas para que me canso em repreender-te, estando endurecido e não te aproveitando os conhecimentos, senão talvez para que sejas mais atormentado à vista de Jesus Cristo, a quem persegues? — Deixa essa superfluidade de palavras, disse-lhe o tirano; adora a deusa Diana, que com sua sabedoria ilustrará teu entendimento; pois do contrário te darei morte, porque não me é decoroso raciocinar por mais tempo com uma mocinha. — Deixa tu, néscio tirano, respondeu-lhe Balbina, de rebelar-te contra o Criador; deixa, depois de tantas mortes de inocentes cristãos, teu erro: crê em Jesus Cristo e confessa teus delitos para que possas salvar-te, o que, se não fizeres, sabe por certo que em breve perecerás, e por toda uma eternidade, pelo sangue de tantos mártires que derramaste injustamente; por último, entende que jamais me separarás da fé de Jesus Cristo, por mais tormentos que possas inventar.»

Fora de si Aureliano, vendo-se concluído com tão sábias reconvenções, depois de haver provado a constância da santa com vários tormentos, pronunciou a seguinte sentença: «Morra Balbina faladora, para que não seduza o povo a seguir seu erro.» Executou-se a providência no dia 30 de março do ano 120, e passou a ilustre mártir a gozar os prêmios de sua ínclita confissão. Seu corpo foi sepultado na via Ápia, no cemitério de Pretextato, chamado depois de Santa Balbina, por causa da igreja que em sua honra construiu nele São Marcelo, papa, onde por tradição antiga se crê conservar-se o cadáver da santa, com o de São Quirino, seu pai, e os de outros cinco santos desconhecidos.

Martirológio Romano

Em Técua, na Palestina, Santo Amós, profeta, ao qual muitas vezes afligiram com diversas pragas o sacerdote Amasias e Ozias, seu filho, que lhe fez atravessar as têmporas com um bastão pontiagudo; trasladado a sua pátria meio morto, expirou e foi sepultado no sepulcro de seus pais.

Na África, os santos mártires Teódulo, Anésio, Félix, Cornélia e seus companheiros.

Na Pérsia, São Benjamim, diácono, ao qual, como não cessasse de pregar a palavra de Deus, no tempo do rei Isdegerdes meteram-lhe canas agudas por entre as unhas e, atravessando-lhe o ventre com um pau espinhoso, chegou à coroa do martírio.

Em Roma, Santa Balbina, virgem, filha de São Quirino, mártir, a qual, tendo sido batizada pelo papa São Alexandre, depois de haver vencido o presente século, foi sepultada na via Ápia junto a seu pai.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Deus, qui beatum Amadeum, confessorem tuum, de terreno principatu ad cœlestem gloriam transtulisti; da nobis, quæsumus, ut ejus meritis et imitatione sic transeamus per bona temporalia, ut non amittamus æterna. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que trasladastes vosso confessor, o bem-aventurado Amadeu, do principado da terra ao celestial reino da glória, suplicamo-vos que nos concedais que, por seus merecimentos e a seu exemplo, usemos dos bens temporais de tal modo que não percamos os eternos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 da Sabedoria.

Sabedoria 10,10-14

> **Latim:** 10 Hæc profugum iræ fratris justum deduxit per vias rectas, et ostendit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum ; honestavit illum in laboribus, et complevit labores illius. 11 In fraude circumvenientium illum affuit illi, et honestum fecit illum. 12 Custodivit illum ab inimicis, et a seductoribus tutavit illum : et certamen forte dedit illi ut vinceret, et sciret quoniam omnium potentior est sapientia. 13 Hæc venditum justum non dereliquit, sed a peccatoribus liberavit eum ; descenditque cum illo in foveam, 14 et in vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni, et potentiam adversus eos qui eum deprimebant : et mendaces ostendit qui maculaverunt illum, et dedit illi claritatem æternam.

Português: 10 Esta é a que guiou por caminhos direitos ao justo, quando fugia da ira de seu irmão e lhe mostrou o reino de Deus, e lhe deu a ciência dos Santos: A que o enriqueceu nos trabalhos, e recompensou as suas fadigas. 11 No dolo dos que o violentavam, lhe assistiu, e o fêz rico. 12 Guardou-o dos inimigos, e o assegurou dos enganadores, e o meteu num duro combate, para que vencesse, e soubesse que de tôdas as coisas a mais poderosa é a sabedoria. 13 Esta não desamparou ao justo vendido, mas sim o livrou dos pecadores: E desceu com êle ao fôsso, 14 e o não largou nas cadeias, até lhe depositar nas mãos o ceptro do reino, e o poder contra aquêles que o deprimiam: E convenceu de mentirosos aos que o deslustraram, e lhe deu uma nomeada eterna.

Nota

«O livro da Sabedoria desde logo mostra o que é, e por seu título dá a entender o que contém. Não somente o inspirou a mesma Sabedoria divina, isto é, o Espírito Santo, mas o encheu de instruções muito próprias para ensinar-nos a adquirir a verdadeira sabedoria. Estas instruções falam com as pessoas de todos os estados e de todas as classes; mas as do capítulo 10, de onde se tirou a presente epístola, dirigem-se singularmente aos grandes.»

Reflexões

Sempre é respeitável a virtude; mas nunca se deixa admirar mais que quando reina em meio da abundância e entre os esplendores da opulência. Quanto edifica o mundo a regularidade de vida de um homem poderoso! Que impressão fazem seus exemplos em todos! A virtude notória dos grandes honra sempre a religião, mas mais os honra a eles. Erija em boa hora o mundo magníficos mausoléus aos príncipes e aos monarcas: em suma, não encerram mais que cinzas frias, que se olham com desprezo. Estima-se o mármore e a prata; louva-se a arte, o primor com que estão trabalhados; mas o primor, a arte e o mármore dão porventura estima às cinzas? O respeito e a veneração se reservam unicamente para a virtude. Não é mister o bronze nem o ouro para eternizar a memória de um príncipe santo: *Dedit illi claritatem æternam Dominus Deus noster.* É eterno o mausoléu quando o erigem a virtude e a religião. Coisa estranha! O desejo da distinção e da glória quase sempre consome as rendas e é a causa principal de néscios e enormes gastos. Compra-se muito caro um pouco de pó que se lança aos olhos dos mortais, um fugaz resplendor que, à maneira de foguete, se desvanece com um pouco de ruído. Custa muito regalar o mundo com cenas de teatro que o enganam, que o entretêm e por um pouco de tempo o divertem e o alucinam, mas que ao cabo param muito de ordinário em desprezo ou em rubor de quem fez toda a despesa.

Pelo contrário, quanta estima granjeia a um homem opulento uma liberalidade verdadeiramente cristã? Que coisa mais nobre, que ação mais gloriosa que arrancar de entre os mesmos braços da miséria, e como do sepulcro, a muitos infelizes? Que obra mais magnífica, ainda ao modo do mundo, que ser com suas esmolas o redentor de muitas famílias honradas, a quem uma secreta e muda necessidade tinha reduzido ao desespero e às quais por meio de oportunos socorros se restitui, por dizê-lo assim, a salvação e a vida? Não é maior glória dar o pão ao mesmo Jesus Cristo na pessoa de seus pobres que sustentar uma dúzia de vadios, os quais só pretendem comer à custa alheia para viver com maior dissolução? Não há equipagem tão ostentosa, não há comitiva tão magnífica que honre tanto um poderoso como uma multidão de pobres que o rodeiam e o aclamam por seu salvador e por seu pai. Que elogio mais glorioso à memória de um prelado, que ideia, que conceito mais elevado de sua nobreza, de seu mérito e de sua virtude que poder dizer que morreu pobre por socorrer os pobres e que, enquanto viveu, não soube despender suas rendas senão em esmolas? Não há que dizer, porque todo o mundo conhece que nada faz tanta honra aos ricos e aos grandes como esta caridade cristã. Há nesta santa liberalidade uma grandeza de alma,

um fundo de nobreza, uma elevação de espírito muito superior a todos aqueles títulos secos, vazios e estranhos que se fundam em quatro posses que dão dinheiro mas não dão mérito, ou em meia dúzia de avós que fizeram ruído no mundo mas que já não são. Um mau coração nunca foi muito caritativo; a liberalidade é a virtude das almas nobres; mas a liberalidade com os pobres é como o caráter de um coração cristão. Quanto bem fariam duas ou três mil pesetas distribuídas cada ano entre os necessitados! A quantos infelizes livrariam de desesperar-se! A quantas pobres donzelas apartariam do iminente perigo de perder-se! Quantas famílias errantes e vagabundas se recolheriam a suas casas e sairiam da miséria! E quantos há que poderiam distribuir anualmente muito mais, sem que por isso se empobrecessem! É verdade que para isso era mister não sustentar tantos cavalos, sair à rua com menos comitiva, não ter mesa tão esplêndida, jogar menos e desperdiçar menos em gastos inúteis e frívolos; mas o que o fizesse seria por isso menos grande, menos respeitado, menos aplaudido? *Ad vos, reges, sunt hi sermones.* Grandes do mundo, ricos do mundo, ditosos ao modo do mundo, convosco falam estas reflexões.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Lucas.

Lucas 19,12-26

> **Latim:** 12 Dixit ergo : Homo quidam nobilis abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum, et reverti. 13 Vocatis autem decem servis suis, dedit eis decem mnas, et ait ad illos : Negotiamini dum venio. 14 Cives autem ejus oderant eum : et miserunt legationem post illum, dicentes : Nolumus hunc regnare super nos. 15 Et factum est ut rediret accepto regno : et jussit vocari servos, quibus dedit pecuniam, ut sciret quantum quisque negotiatus esset. 16 Venit autem primus dicens : Domine, mna tua decem mnas acquisivit. 17 Et ait illi : Euge bone serve, quia in modico fuisti fidelis, eris potestatem habens super decem civitates. 18 Et alter venit, dicens : Domine, mna tua fecit quinque mnas. 19 Et huic ait : Et tu esto super quinque civitates. 20 Et alter venit, dicens : Domine, ecce mna tua, quam habui repositam in sudario : 21 timui enim te, quia homo austerus es : tollis quod non posuisti, et metis quod non seminasti. 22 Dicit ei : De ore tuo te judico, serve nequam. Sciebas quod ego homo austerus sum, tollens quod non posui, et metens quod non seminavi : 23 et quare non dedisti pecuniam meam ad mensam, ut ego veniens cum usuris utique exegissem illam ? 24 Et astantibus dixit : Auferte ab illo mnam, et date illi qui decem mnas habet. 25 Et dixerunt ei : Domine, habet decem mnas. 26 Dico autem vobis, quia omni habenti dabitur, et abundabit : ab eo autem qui non habet, et quod habet auferetur ab eo.

Português: 12 Disse pois: Hum homem de grande nascimento foi para hum paiz muito distante a tomar posse d'hum reino, para depois voltar. 13 E chamando dez servos seus, deo-lhes dez marcos de prata, e disse lhes: Negociai até eu vir. 14 Mas os do seu paiz o aborrecião: e enviárão nas suas costas deputados, que fizessem este protesto: Não queremos que este seja nosso rei. 15 E com effeito voltou elle com a posse do reino tomada: e mandou chamar aquellos servos, a quem dera o seu dinheiro, a fim de saber quanto cada hum tinha negociado. 16 Veio pois o primeiro dizendo: Senhor, o teu marco adquirio dez. 17 E o senhor lhe respondeo: Está bem, servo bom, porque foste fiel no pouco, serás governador de dez cidades. 18 Veio depois o segundo dizendo: Senhor, o teu marco rendeo cinco. 19 E o senhor lhe respondeo: Se tu tambem governador de cinco ci dades. 20 Veio tambem o terceiro dizendo: Senhor, aqui tens o teu marco, que eu guardei embrulhado num lenço: 21 porque tive medo de ti, que és hum homem rigido: que tiras donde não pozeste, e que recolhes o que não semeaste. 22 Disse-lhe o senhor: Servo mão, pela tua mesma boca te condemno eu: tu sabias que eu era hum hom men rigido, que tiro donde não puz, e que recolho o que não semeei: 23 logo porque não metteste tu o meu dinheiro a banco, para que quando viesse, o recebesse eu então com os seus lucros? 24 E disse aos que estavão presen tes: Tirai-lhe o marco de prata, e dai-o ao que tem dez. 25 E elles lhe responderão: Senhor, este já tem dez. 26 Pois eu vos digo, que a todo aquelle que tiver se lhe dará, e terá mais: mas ao que não tem, se lhe tirará ainda isso mesmo que tem.

Meditação

Do amor às cruzes [^2]

Primeiro ponto

Considera que os cristãos de nenhuma coisa deveriam gostar tanto como dos trabalhos e das aflições. Nenhuma fruta deveria saber-lhes melhor que a da árvore da cruz, porque o sangue de Jesus Cristo lhe tirou toda a amargura. É a cruz a árvore da vida; e não gostar da fruta desta árvore é prova de má disposição.

Se somente se escuta os sentidos materiais, se unicamente se consulta os olhos, a razão humana e o amor-próprio, é certo que as adversidades são objeto de horror. Mas nesta matéria será bom juiz o homem animal? Que nos ensina a fé? Que nos diz o Evangelho? *Oportuit Christum pati, et ita intrare in gloriam suam*: foi conveniente que Cristo padecesse e assim entrasse em sua própria glória. *Væ vobis divitibus, quia habetis consolationem vestram*: desditosos de vós, ricos, porque viveis neste mundo consolados. Desditosos de vós, felizes do mundo, porque viveis alegres e opulentos. Desditosos de vós, grandes da terra, porque tudo vos é risonho, tudo conspira a dar-vos gosto. Pelo contrário: quereis formar uma ideia cabal e justa da felicidade? Quereis achar um homem ditoso? Pois buscai-o nas adversidades, diz o mesmo Salvador: *Beati qui lugent.* Certamente se sobressalta, se inquieta, se amotina, digamo-lo assim, toda a religião quando às cruzes se dá o nome de desgraças. Mas, sem embargo, consideram-se-as, chamam-se-as hoje de outra maneira no mundo?

Que um gentio repute por grande mal a perda da fazenda, o desgraçado sucesso de um pleito, um revés grande de fortuna; vá lá, não há de que admirar-se, porque ao fim sente, fala e discorre segundo seus princípios. Mas que um cristão ilustrado com as luzes da fé, educado na escola de Jesus Cristo, instruído em sua doutrina, ignore que os trabalhos desta vida são como arras da eterna felicidade; que as adversidades são o contraveneno das paixões; que são remédio eficaz contra os inchaços do coração e contra as dolências do espírito; que todas são de grande preço e que as tribulações desta vida, como diz São Paulo, sendo momentâneas e ligeiras, produzem um peso eterno de glória, um alto grau de excelência superior a toda medida: quem não se assombrará? Pois isto é o que o Salvador do mundo nos propõe como objeto digno de nossa estima e de nosso amor; isto o que buscaram com tanta ânsia tantos homens sábios, tantas almas prudentes, discretas, iluminadas; isto o que toda a Igreja, o que o mesmo Deus estima, honra e recompensa tão liberalmente em todos os fiéis. Porque as cruzes sejam ingratas aos sentidos, deixarão de ser estimáveis ou serão menos preciosas? Por amarga que seja uma medicina, deseja-se, busca-se, compra-se, custe o que custar, não mais que pela persuasão em que se está de que pode alongar-nos uns poucos dias mais esta miserável vida. Pela esperança de maior interesse, por conseguir um emprego, expõe o mercador sua vida aos trabalhos e aos perigos do mar, e o soldado a sua aos afãs, aos sustos e aos riscos da guerra. É o céu o prêmio seguro das aflições padecidas com resignação cristã; é o mesmo Deus sua recompensa: não há outro caminho para o céu; elas são a herança dos escolhidos; nas enfermidades e nas tribulações um beato Amadeu e os demais santos fabricaram suas coroas. E será possível que as cruzes nunca hajam de ter atrativo para mim? Será possível que sempre as haja de olhar com aversão? Pois sobre que título poderei fundar a esperança de uma recompensa eterna?

Segundo ponto

Considera que sucede nas cruzes o que naquelas árvores cuja fruta é de gosto delicado e requintado, embora a casca da árvore seja áspera e tosca. Não é verdade que sejam sempre amargas as lágrimas, porque as há muito doces. Se os que se têm por ditosos ao modo do século não carecem de suas cruzes invisíveis, por que não haverá também gostos interiores muito mais doces que estes que fazem tanto ruído? Não são as menos requintadas as doçuras do espírito. É o coração o lugar próprio da alegria. É mister que reine na alma a serenidade e a calma para que seja ela feliz; os remorsos e os sobressaltos da consciência turbam todas as festas dos ditosos do mundo; falando em rigor, toda a sua felicidade consiste em atordoar-se e aturdir-se; e daqui nasce que nas prosperidades e nas festas mundanas não há mais que uma alegria aparente. As almas verdadeiramente cristãs experimentam em suas cruzes uma alegria plena e tranquila, uma suavidade pura e deliciosa. Que coisa mais doce que estar uma alma segura de que vai direita pelo caminho real do céu! Que maior consolo que achar em seu estado e em sua sorte o verdadeiro caráter dos predestinados; aquilo que sempre foi e sempre será o objeto dos carinhos e dos ansiosos desejos dos santos! Oh, que coisa tão doce não se gloriar senão na cruz de Jesus Cristo! Doçura que por toda a vida se sente lá no mais profundo do coração, que se aumenta sempre à hora da morte e que depois se estende a toda a eternidade. Imagina, se podes, outro motivo de mais real, de mais sólido consolo.

São amargos os trabalhos, é verdade; mas também eram amargas as águas de Mara antes que Moisés metesse nelas o madeiro que Deus lhe mostrou; mas pela virtude deste misterioso madeiro converteram-se em águas dulcíssimas para beber. Bem sabe Deus o segredo de adoçar as cruzes. Antes que Cristo morresse numa delas, dizia-se no mundo: *Maledictus homo qui pendet in ligno*: é maldito, é desditoso o homem que padece numa cruz; mas, depois que o Salvador a santificou com sua morte, livrou-a da infâmia, tirou-lhe a maldição e comunicou a este tronco virtude milagrosa.

Deste princípio nasceram aqueles ardentes desejos de padecer que se admiram em todos os santos. Deste manancial brotam aquelas torrentes de consolos interiores que os sentidos não são capazes de conceber e que inundam as almas purificadas com os trabalhos. Ah, meu Deus, e quão escondido está este tesouro e quão pouco estimado é este segredo dos prudentes do século! Mas na morte se conhecerá, e por toda a eternidade se saberá quão estimável era este segredo e quão precioso este tesouro. Dai-me um entendimento ilustrado com as luzes da fé, dai-me um coração que ame a Deus verdadeiramente, dizia Santo Agostinho, e ele entenderá o que lhe digo, e ele conhecerá esta verdade, e ele perceberá maravilhosamente esta doutrina.

Meu bom Jesus, quando serei eu deste número? É possível que me haja de contentar com assentir a estas verdades, com aplaudir estas reflexões e com fazer grandes elogios dos trabalhos só quando os vejo nos outros? Pois quê, não quero eu ser contado entre vossos discípulos? Mas como posso sê-lo, se não levo minha cruz, se não amo a cruz, se não quero estar toda a vida cravado na cruz? Dai-me, Senhor, este amor à santa cruz; fazei que seja para mim insosso e enfadonho todo outro gosto que o gosto da cruz; dai-me, Senhor, vosso amor, e eu amarei a cruz.

Jaculatórias

> *Placeo mihi in infirmitatibus meis, in contumeliis, in persecutionibus, in angustiis pro Christo.* 2 Cor 12.

Sim, Senhor, em nada me comprazo tanto como nas enfermidades, nos desprezos, nas perseguições, nas grandes pesadumbres que padeço por amor de vós.

> *Pone me juxta te, et cujusvis manus pugnet contra me.* Jó 17.

Esteja eu, meu bom Jesus, junto de vós, ao pé de vossa dolorosa cruz, e conspirem contra mim todos os que quiserem.

Propósitos

1. Ninguém há que não tenha sua cruz. Em todas as partes nascem os espinhos; são frutas de todas as estações; em todas as terras crescem e nascem até sobre o trono. Não há condição, não há estado sem suas cruzes; os grandes têm as suas, e não costumam ser as menos pesadas, embora sejam as menos visíveis. É necedade, é loucura buscar abrigo contra todos os ventos e contra todas as tempestades. Que idade deixa de ter seus desgostos? Que fortuna não padece seus reveses? Que condição está isenta de cuidados? Que emprego está livre de sobrecargas? Há cruzes de portas adentro e cruzes de portas afora; cruzes domésticas e cruzes alheias. Quando faltam umas e outras, nosso gênio, nosso natural, nosso humor, nossa aprensão, nosso mesmo coração são terrenos fertilíssimos de inumeráveis cruzes. Olha com reflexão a que mais te inquieta, a que mais te mortifica, e faze uma generosa resolução de que te sirva de mérito. Queres aliviá-la? Pois ama-a.

Quantos mais esforços fizeres para sacudi-la, tanto mais pesada se fará. Embora tivesses achado o segredo para livrar-te dessa, viria outra que te oprimiria mais. Se queres fazê-la suave, observa as regras seguintes. Primeira: aceita com gosto as cruzes que o Senhor quiser enviar-te e, pela manhã, ao tempo de oferecer as obras, faze esta breve oração: Divino Salvador meu, posto que para ser discípulo vosso é mister carregar com minha cruz, aceito de todo o coração a que quisestes que leve e suplico-vos que me deis graça para aproveitar-me dela a maior glória e honra vossa e a maior salvação minha. Segunda: quando resistir o amor-próprio e a amargura se comunicar ao coração, dize com o Salvador: *Calicem quem dedit mihi Pater, non bibam illum* [^3]? Pois quê, não hei de beber eu o cálice com que me brinda meu amoroso Pai celestial? Terceira: quando te suceder algum trabalho, alguma mortificação, alguma perda, quando receberes alguma má notícia, repete com toda a alma estas belas palavras de Jó [^4]: *Si bona suscepimus de manu Domini, mala quare non suscipiamus?* Se recebemos da mão do Senhor as prosperidades, por que não receberemos as adversidades da mesma amorosa mão?

2. É um exercício não só muito simples, mas proveitosíssimo, aceitar todos os trabalhos que nos sucedem em satisfação de nossas culpas e pedir ao confessor que no-los aplique em penitência; porque, fazendo-se desta maneira os trabalhos parte do sacramento, são de mais valor e recebem um novo mérito. Não há coisa que mais nos ajude a pagar a Deus nossas dívidas que este gênero de satisfação, por ser não só de seu gosto, mas de sua escolha. É coisa certa que esta é a moeda, digamo-lo assim, em que quer ser pago nesta vida. Oh, que importantes serviços nos faria um pouco de paciência, de submissão e até de alegria nas inevitáveis adversidades desta vida miserável! Nem por isso padeceríamos mais; antes padeceríamos menos, porque não padeceríamos com tanto desgosto, e o proveito nos compensaria com vantagens a dor. Coisa estranha! Sente-se todo o peso da cruz, toda a sua amargura; e por não ter um pouco de boa vontade, um pouco de indústria, perde-se todo o seu fruto.

[^1]: Tal como no original; outras fontes dão Thonon como lugar de nascimento. [^2]: O título da meditação não consta do texto reconhecido pelo OCR; foi suprido pelo assunto. [^3]: Jo 18,11. [^4]: Jó 2,10 (o OCR remete a “cap. 2”).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:34 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:34 by Admin